

ESPECIALIDADES EM PIA  
FACULDADE DE ARTES

# tinta no morro

Casa das Artes da Mangueira

tinta  
no morro

XEROX

**Associação Casa das Artes  
de Educação e Cultura**

**Casa das Artes da Mangueira**

**Coordenação pedagógica**  
Sueli de Lima

**Coordenação de planejamento  
e administração**  
Pedro Nin Ferreira  
Moledo Produções e Consultoria

**Coordenação executiva**  
Dinah Oliveira

**Assistência pedagógica**  
Maria das Graças Fortunato

**Colaboração especial**  
Ivanir dos Santos  
Ivo Meiralles  
Lucia Bettencourt

**Assessoria de imprensa**  
Markpress > Valéria Recio

**Núcleo Pesquisa Artística**

**Capoeira**  
Elite Carioca > Associação Cultural  
de Apoio à Capoeira  
Jean Lourenço (Corisco)  
Josuel Alves da Silva (Canjica)

**Artes Integradas**  
Diana Tubenchlak

**Dança**  
Guto Macedo  
Tânia Bisteka

**Música**  
José Roberto Dias da Silva

**Núcleo de Registro Audiovisual**

**Fotografia**  
Gilson Lessa  
Vantoen Pereira Jr.

**Prática de Laboratório**  
**Fotográfico**  
Gilson Lessa

**Desenho Animado**  
Bernardo Lima Mendes  
Marcos Magalhães

**Núcleo de Produção Artística**

**Pesquisa de Produto**  
Fernanda Moraes

**Alunos**  
Adriana Cavalcante Dias  
Dayana de Souza Modesto  
Diana Paula Pereira Alves  
Felipe Emanuel Evangelista da Silva  
Janaina de Souza Farias  
Joelma de Souza Farias  
Joseli dos Santos Dias  
Michel Cavalcante Dias  
Paulo Ricardo Ramos dos Santos  
Roberto Batista Barbosa  
Robson Dutra da Silva Pereira  
Wendell Bezerra de F. da Silva Alves

Patrocínio

**XEROX**

**Casa das Artes da Mangueira**  
Rua Visconde de Niterói 1.168  
Mangueira > Rio de Janeiro > RJ  
cep 20943 001  
tel. [21] 3234 3712

Apoio



PROJETO BENEFICÍPIO PARA LEI 13.630/92



## SUMÁRIO

MEMÓRIA DO HOJE \_ Sueli de Lima \_ [PÁG. 13]

O SPRAY FAZ A DIFERENÇA \_ Paulo Knauss \_ [PÁG. 23]

GRAFITANDO OS DIAS NA MANGUEIRA \_ Bianca Ramoneda \_ [PÁG. 32]

SOLIDARIEDADE É O QUE SALVA \_ Fabio Ema \_ [PÁG. 72]

ACHADOS E PERDIDOS \_ Bianca Ramoneda \_ [PÁG. 73]

ESTE LIVRO É DEDICADO A TODAS AS CRIANÇAS E JOVENS DA MANGUEIRA

# Memória do hoje

SUELI DE LIMA  
Coordenadora Pedagógica

“A PAISAGEM É UM MURO.”<sup>1</sup>

Primeiro é preciso explicar por que a Casa das Artes, que nem ao menos possui oficina de grafite, organizou uma pesquisa sobre o tema. Um de nossos objetivos é apurar através de debates e pesquisas o que caracteriza hoje o universo cultural do jovem que vive no morro da Mangueira. Utilizamos a fotografia e o vídeo, como instrumentos que nos ajudam a nos descobrir, nos revelar e consequentemente nos formar. Através das câmaras (e seus produtos) buscamos desenvolver ações que implementem a discussão sobre os saberes, costumes e histórias (os bens materiais) desta comunidade, colaborando para a superação ou atenuação dos conflitos urbanos



aos quais os jovens estão submetidos. Nosso trabalho é realizado coletivamente e nosso interesse é criar instrumentos vivos de registro des seus saberes, de forma que sejam protegidas e incentivadas as diversas manifestações culturais que ocorrem por aqui.

Este é o quarto livro que realizamos e traz uma diferença com relação aos anteriores: foi produzido para o jovem, ainda que seja resultado do encontro de alguns convidados profissionais com a turma de jovens que estuda fotografia na CAM. Escolhemos um tema e desenvolvemos uma linguagem capaz de falar diretamente com aqueles que ainda não chegaram aos vinte anos.

(Aqui peço licença, pois somente este texto apresenta o que fundamenta nosso pensamento e por isso me permito falar para o grupo de educadores que colabora com este trabalho, direta ou indiretamente.)

O trabalho que apresentamos no projeto *Tinta no Morro* começou quando mais uma vez saímos às ruas com nossas câmaras para “redescobrir” a Mangueira, procurando estranhar o nosso conhecido universo visual, tirando proveito do distanciamento que essas máquinas nos permitem. Através das máquinas fotográficas podemos recortar ou ampliar as imagens e “olhar com outros olhos” para o cenário dos caminhos percorridos diariamente e nos quais muitas vezes pensamos não haver mais o que

**“GRAFITE É ARTE. DESCOBRIMOS  
GRAFITES NO MORRO ATRAVÉS DO  
CURSO DE FOTOGRAFIA E ACHEI  
SUPER-INTERESSANTE. ESSA  
EXPERIÊNCIA ME TRANSFORMOU  
BASTANTE PORQUE CONHECIA MUITOS  
LUGARES QUE NÃO CONHECIA ANTES.”**  
ARIANA DA CONCEIÇÃO SOUZA, 14 ANOS



**"EU QUERIA QUE LÁ  
PERTO DE CASA TIVESSE  
UM GRAFITE LINDO E  
MARAVILHOSO. O MEU  
PAI ADORA DESENHAR,  
ELE FAZ CADA QUADRO  
LINDO. MAS SERÁ QUE O  
DESENHO É A MESMA  
COISA QUE O GRAFITE?"**  
RICARDO DE OLIVEIRA DA  
SILVA, 15 ANOS

descobrir. As máquinas fotográficas operam como instrumentos de construção de subjetividades humanas, redimensionando nossos estilos de vida, nossas concepções das relações sociais e transformando nossa memória, nossa inteligência, afeto e inconsciente.

As paredes do morro totalmente coloridas nos chamam a atenção: quem estaria por trás de todos aqueles trabalhos tão ferozmente elaborados? Foi a partir desta quietação e através de um parceiro comum, a Unesco, que a CAM se aproximou de Fábio Ema.

**"EU GOSTEI E ME EMOCIONEI.  
O GRAFITE TRANSFORMOU MUITO A  
RUÁ PORQUE ANTES ELA ERA FEIA  
E AGORA FICOU BONITA."**

NATASHA BREICHA FERREIRA, 12 ANOS

A Mangueira é mesmo uma comunidade aberta de forma muito sensível para a arte. Aqui o trabalho dos grafiteiros é muito bem recebido, diferentemente do que se passa no asfalto. No morro todas as paredes se oferecem aos jatos de tinta e aquelas que conseguem merecer o carinho dos grafiteiros exibem seus trabalhos como pavões orgulhosos de sua beleza.





Quando encontramos pinturas nas paredes do morro, ou seja, no espaço que investigávamos através das lentes, nosso interesse em elaborar um material para discutir a cultura jovem ganhava definições. Quando transformamos as paredes da cidade, o grafite funciona como espelho do mundo, e abre de forma bastante democrática o debate estético porque todos podem discutir o que foi criado, que se oferece sem vergonha ao olhar de quem passa. Estava decidido: iríamos criar junto com Fabio Ema um trabalho capaz de colaborar com o vasto universo de propostas desenvolvidas pelos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro, e o morro da Mangueira se tornaria sede de uma série de encontros nos quais seriam discutidas, com os alunos da CAM e os moradores do morro, as propostas visuais desenvolvidas por alguns dos principais grupos de grafite – a experiência que apresentamos neste livro.



Se a memória é uma forma de pensamento que só consegue articular-se através de conexões (nexos que estabelecemos entre as partes), desarticulada ela não pode existir. Pretendemos com esta pesquisa reconectar os fragmentos que compõem nossa realidade visual, trabalhando a memória e a identidade do jovem do morro a partir do reconhecimento de seu contorno cultural – mesmo considerando que este não pára de se transformar. Queremos nos tornar testemunhas de nossa história, não entendemos a história como algo ligado ao nosso passado somente, mas também ao nosso presente. Daí a importância do de-

bate para o qual pretendemos colaborar – através dele os envolvidos podem reinterpretar sua experiência da vida.

Acreditamos que ao dar luz aos fatos (como a interferência do grafite de Fabio Ema no morro) construímos articulações responsáveis pela formação da memória: através deste movimento podemos nos reconciliar com a realidade compreendendo a memória como uma forma de pensamento, como nos lembra Hanna Arendt<sup>2</sup>. A *memória é uma forma de pensamento que se articula entre o passado e o futuro formulando o presente.*



Se pensarmos o tempo como um fluxo ininterrupto, poderemos experimentar um ponto de vista no qual – queiramos ou não – estamos necessariamente no presente (quem somos, onde estamos); somos nós que damos sentido às nossas ações através do pensamento que formulamos em torno do que acontece conosco e em torno de nós. Daí a importância do exercício do pensamento da memória: é ela quem nos dá forma, porque somos aquilo que conseguimos pensar que somos. Este é o ponto que justifica a preocupação de educadores em formular um Núcleo Audiovisual de Pesquisa da Memória numa instituição que realiza um trabalho voltado principalmente para a arte-educação. Para nós da CAM, esta pesquisa sobre o grafite significa antes de mais nada um exercício de memória que não queremos estancar, porque através dele

procuramos nos construir em interação com o que acontece na Mangueira e no Rio hoje.

Se pensarmos, como afirma Argan<sup>3</sup>, a cidade não como um agregado social mas como linguagem, poderemos repensar o papel que nós educadores possuímos ao propormos uma educação capaz de produzir sujeitos críticos na sua relação com o espaço. Sabemos que parte dos desequilíbrios sociais a que estamos submetidos decorre de uma alienação do sujeito com relação a sua cidade, pois quando este se reconhece como parte integran-

te, ele a transforma e a protege. Mas para isso é preciso que as conexões capazes de construir a memória

**"EU NUNCA TINHA PERCEBIDO OS GRAFITES NO MORRO, SÓ DESCOBRI SAINDO COM O PROFESSOR PELA COMUNIDADE PARA TIRAR FOTOS, ANTES O MORRO NÃO TINHA NADA E COM O GRAFITE ESTAMOS VENDO OUTRA COISA MELHOR NO MORRO. TRANSFORMOU MINHA VISÃO COM OS DESENHOS EM DETERMINADO LUGAR."**  
**FILIPPI FIRMINO DALATE SALVADOR**



e a história tenham sido elaboradas, caso contrário a cidade é marcada somente por seus aspectos funcionais, perdendo a dimensão comunicativa, descrita no pensamento de Argan, segundo o qual a cidade possui uma dimensão como linguagem (pode ser lida), ou seja, possui significado.

Aos poucos, durante o trabalho, entramos em contato com um conjunto de fatores que nos mostraram que a subjetividade (o conjunto de condições que torna possível que as instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial e auto-referenciável) não é construída somente na instância do indivíduo, mas que ela é também plural e que os equipamentos audiovisuais e os sprays que utilizávamos

podiam ser também compreendidos como máquinas de produções de subjetividade. Genericamente, nesse cenário globalizado, diversos discursos reivindicam a garantia das subjetividades, mas é evidente que a simples garantia desses movimentos de subjetivação não é suficiente para o sucesso do sentido emancipador que se busca. Tudo depende de como é construída tal articulação, de como articulamos as referências que queremos construir.

Pretensiosamente ou utopicamente, não importa, estamos interessados na possibilidade, que sentimos real, de se construir uma reapropriação e uma ressignificação da utilização da mídia – hoje ainda tão opressora – no nosso cotidiano. O trabalho que apresentamos aqui é baseado na ideia de que cultura não é algo de concreto somente, mas significados permanentemente atribuídos pelo homem ao





mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre cultura popular, erudita ou de massa e mesmo os limites econômicos entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo. Vista em sua integridade, a cultura é um poderoso diluidor de fronteiras rígidas entre o que quer que seja; é um eficaz canal de comunicação humana.

Nós, cuja prática profissional é marcada pela formulação de ações e reflexões para a educação não-formal, encontramos na esfera da cultura um espaço de integração em que as dualidades entre cultura popular e erudita estão definitivamente encerradas; o desafio parece ser a formulação dos espaços onde as diversas manifestações

culturais possam interagir na constituição de um debate tão diverso como o brasileiro. Ter em conta esse caráter essencialmente dinâmico é fundamental em nossa prática.

O grafite no morro nos interessou em muitos aspectos. Em primeiro lugar, ele tem um grande poder transformador do espaço onde se situa. Suas grandes proporções interferem drasticamente nos contornos de nossas paredes. Sua poética nasce de um grupo com uma identidade bem definida: são pessoas geralmente jovens que buscam a for-

**"FOTÓGRAFAR GRAFITES FOI UMA DAS MINHAS MELHORES EXPERIÊNCIAS DE VIDA PORQUE O GRAFITE É UMA FORMA DE ARTE EXPRESSADA POR MEMBROS DA COMUNIDADE DESVALORIZADOS PELA SOCIEDADE. NO MEU DIA-A-DIA EU NUNCA HAVIA REPARADO NOS GRAFITES, MAS HOJE EM DIA EU REPARO EM TODOS E O QUE ELES RETRATAM. O GRAFITE TRANSFORMA O QUE É NAQUILO QUE REALMENTE DEVERIA SER, OU SEJA, O MORRO DEVERIA SER UM LUGAR BOM PARA SE VIVER MAS NEM SEMPRE É ASSIM."  
FABIANO INÁCIO, 16 ANOS**



Da esquerda para direita: fotografos mirins (CAMI), aulas práticas de Fábio Ema para jovens infratores no DEGASE e eventos do *Tinta no Morro* na Mangueira.



**"NA MINHA OPINIÃO, ESSA EXPERIÊNCIA SERVIU PARA PERCEBER QUE O QUE É BELO É SIMPLES E MERECE SER RECONHECIDO POR TODOS. O GRÁFITE É UMA FORMA DE ARTE COMO OUTRA QUALQUER E MERECE SER RESPEITADO E NÃO AO CONTRÁRIO, SÓ PORQUE VEM DAS COMUNIDADES CARENTES."**

**FABIANO INÁCIO, 16 ANOS**

mulação de um discurso crítico em relação à sociedade. Os desenhos poderiam ser comparados a grandes charges: provocam, incomodam, é impossível que passem despercebidos.

A pintura colocada nas paredes da cidade conquista o espaço da realidade, é parte dela, e por aí talvez se possa entender por que seus criadores são geralmente pessoas altamente interessadas na presença sobre a sociedade, em formular uma outra forma de ser e estar.

No primeiro dia desta empreitada foi possível sentir na pele o poder de trans-

formação que a arte possui sobre o real. Estávamos esperando o grupo Flesh Beck, e para nós da organização tratava-se de um dia especial, mas fomos surpreendidos pela presença maciça da polícia. A sensação era de que toda a polícia da cidade estava lá. O morro estava preto e branco e nós, munidos de sacolas e sacolas de spray, prometíamos alterar a cor daquele cenário. Desistir era difícil, então decidimos escolher uma parede próxima ao sobrado onde o Fabio Ema desenvolve seu trabalho – ali nos sentiríamos mais seguros. Apesar da ameaça que é natural sentir nesses dias, em nenhum momento qual-quer um dos artistas convidados preferiu desistir, havia no ar um tom de compromisso e







de solidariedade com o morador. Era como se desistir fosse aumentar o isolamento que muitas vezes se sente quando as leis que garantem a segurança do cidadão parecem nunca ter sido escritas. Pintar, principalmente sob aquele clima, era um ato recheado de compromisso político, poderia significar “saíam de suas casas, venham ver a pintura, vocês não estão sós”. O desejo de transformar a realidade é conteúdo essencial desses trabalhos, assim como as formas, cores e linhas.

A agilidade com que o trabalho foi realizado chamou a atenção. A imagem surgia rápido, num golpe de olhar ela estava transformada e assim deixávamos para trás o acento preto e branco que marcava o muro naquele dia para nos envolver com as cores lançadas ao ar. Aos poucos os vizinhos daquele muro perdiam o medo e acompanhavam o trabalho, conversavam, observavam, exclamavam. Através da arte as pessoas voltavam a sentir-se humanas, em vez de reféns de uma história da qual fazem parte sem alternativa: a da injustiça social brasileira. O que a arte não pode fazer pela paz?

O maravilhoso da arte do grafite é a sua convivência tranqüila com o mundo concreto – intervém no real por meio

de uma poética que propõe um outro real. Como espíritos urbanos esses trabalhos parecem existir num segundo grau, para o qual se pede um segundo olhar, um segundo vocabulário. As palavras por eles escritas são excelentes exemplos: reinventam letras de forma que ao olhar com um parecem ilegíveis mas que se evidenciam para o mais atento. Esta poética do *segundo grau* a que me refiro é algo muito comum entre jovens que enfrentam o desafio de recriar o que lhes é dado.

A escolha do tema, e o desejo de escrever para os jovens, nasce do desejo de que este livro possa contribuir para a formulação de políticas que venham a redesenhar a relação da sociedade com seus bens culturais, sem esquecer de abrir espaço para o diálogo com a expressão do jovem.

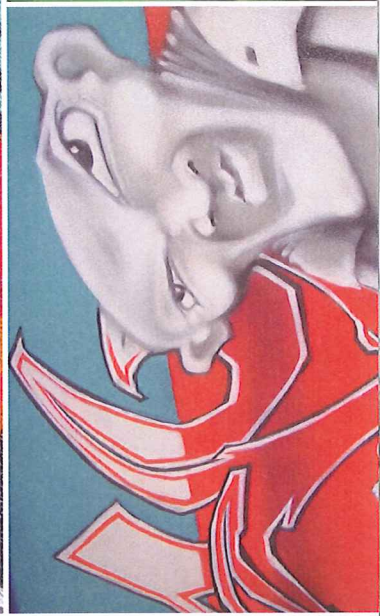
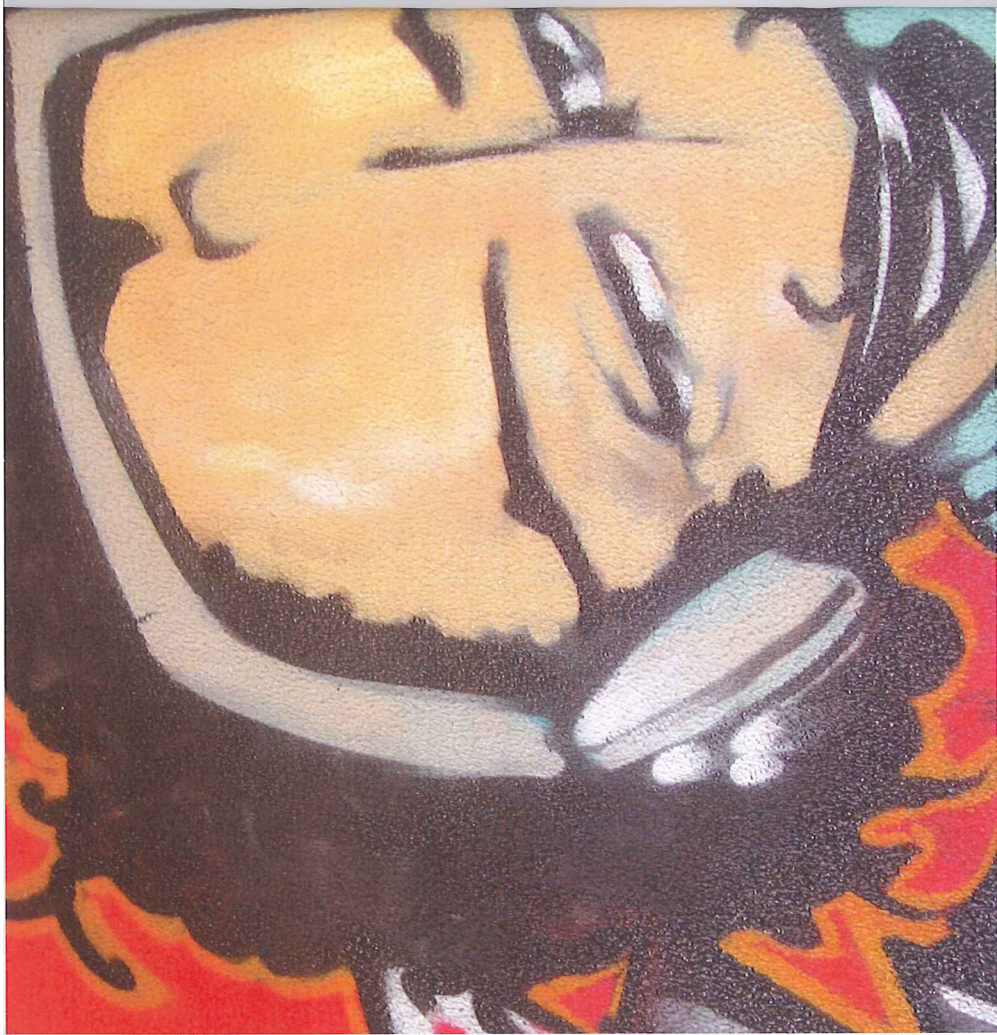
<sup>1</sup> Brissac, Nelson. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Marca D'Água e SENAC, 1996.

<sup>2</sup> Arendt, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva (Série Debates), 1992.

<sup>3</sup> Argan, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

<sup>4</sup> Guattari, Félix. In *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.







## **Créditos do Livro**

### **Projeto**

Casa das Artes da Mangueira  
Fabio Ema  
UNESCO

### **Coordenação editorial**

Sueli de Lima

### **Graffiti / Coordenação geral**

Fabio Ema

### **Textos**

Bianca Ramoneda  
Fabio Ema  
Paulo Knaus  
Sueli de Lima

### **Design gráfico**

Paula Delecave

### **Padronização e revisão de texto**

Itamar Rigueira Jr.

### **Fotos**

Fabio Ema  
Gilson Lessa  
Reinaldo Cico  
Renier Sem Filtro  
Sérgio Marimba  
e alunos da Oficina de Fotografia:  
Ariana da Conceição de Souza  
Bruna Cristine dos Santos  
Evandro de Brito da Silva  
Fabiano Inácio C. Figueiredo  
Filipi Firmino Dalate Salvador  
Janaina Costa da Silva Faria  
Joelma Costa da Silva Faria  
Michel Cavalcante Dias  
Priscila Coelho  
Ricardo Oliveira da Silva  
Thaysa Christine A. D. Santos

### **Agradecimentos**

Alvaro Luiz Caetano  
Amauri Ribeiro Wanzeler  
Andréa Gomes de Almeida  
Associação de Moradores da Candelária  
Associação de Moradores do Buraco Quente  
Associação de Moradores do Chalé  
Associação de Moradores do Telégrafos  
Associação de Moradores dos Três Tombos  
Carlos da Silva (Kong)  
Eli Gonçalves da Silva (Chiminha)  
Elys Bellagamba  
Emanuel Emilio Guimarães (Branco)  
Equipe da Comissão Carioca de Promoção Cultural (RioArte)  
Família O Rappa  
FASE – SAAP  
Fernando Ariel Enriquez  
Helci da Silva Gomes  
Juliana Prado  
Marcelo Yuka  
Maria Eduarda Fernandes  
Monica Duque  
Nadja Naira Glória da Silva  
Pedro de Jesus  
Rádio Comunitária Mangueira  
Roberto Martins (Injuriado)  
Rosana Dias  
Sílvia Rosalém  
TV Manga  
Willian Alves de Oliveira Ferreira  
Willian Silva dos Santos

Este livro foi produzido em equipamento Xerox